

Réquiem termina com um gesto a oito mãos

A missa de réquiem do presidente Tancredo Neves, no salão nobre do Palácio do Planalto, foi encerrada com um gesto a oito mãos: D. Risoleta, o presidente Sarney, filho Tancredo Augusto, e o neto Aécio Neves Cunha fecharam a urna às 10:25 h. Vinte mil pessoas, incluindo o ex-presidente Ernesto Geisel, tinham visto o rosto de Tancredo pela última vez.

Toda a elite eclesialística brasileira, à frente Dom Agnelo Rossi, representante do Papa João Paulo II, concelebrou a missa, sob os olhos da classe política, dos ministros, dos comandantes militares, dos chefes de estado e das delegações diplomáticas estrangeiras. Mais uma vez, D. Risoleta esteve laçada pelo presidente Sarney e D. Marly. Os outros parentes de Tancredo, à exceção da filha Inês Maria, que chorou, assistiram à cerimônia com serenidade.

As 9:05 h, o burburinho do salão silenciou: D. Risoleta, saía e blusa preta, amparada pelo presidente Sarney e sua mulher, desceu a rampa do mezanino e foram para seus lugares, à esquerda da urna. Logo depois, paramentados, entraram os cardeais Dom Agnelo Rossi, Dom Avelar Brandão, primaz do Brasil, Dom Eugênio Salles (Rio de Janeiro), Dom Paulo Evaristo Arns (São Paulo) e os bispos José Falcão (Brasília), Geraldo Avilla (Brasília), Lucas Moreira Neves (primo de Tancredo) e Luciano Mendes (CNBB), Manoel Pestana (Anápolis).

Ao som de "Kirie" da missa de réquiem do padre José Maurício (compositor barraco mineiro), Dom Agnelo Rossi incensou o altar. Referindo-se à morte de Tancredo como obra do "mistério do desígnio de Deus", o comentarista da cerimônia, monsenhor Damasceno, anunciou a leitura da primeira carta de São Paulo aos Coríntios, capítulo 15, versículos 51 a 57.

A direita do caixão, na mesma fila de D. Risoleta, os presidentes da Venezuela, Jaime Lusinchi, de Portugal, Ramalho Eanes, do Uruguai, Julio Maria Sanguinetti, e do Paraguai, general Alfredo Stroessner, além do vice-presidente argentino, Victor Martinez, da primeira dama da França, Danielle Mitterrand. Logo atrás, a família de Tancredo e outros representantes de missões diplomáticas.

A esquerda da urna, ficaram o presidente do Supremo Tribunal Federal, ministro José Carlos Moreira Alves, o presidente da Câmara, Ulysses Guimarães, o núncio apostólico Dom Carlo Furno, decano do corpo diplomático, e o ex-presidente Ernesto Geisel e o presidente do Senado, José Fragelli.

Lido o sermão da Montanha, do evangelho de São Mateus, capítulo 5, versículos 1 a 9 ("as bem-aventuranças"), Dom Luciano Mendes de Almeida, secretário-geral da CNBB, foi ao microfone para a homilia. Inês Maria chorou quando ele referiu-se ao "exemplo de dignidade e grandeza" do presidente Tancredo, que, "despertou no coração do povo a consciência de sua própria dignidade". D. Risoleta, olhar perdido, apertava as mãos.

Após a homilia, Dom Avelar Brandão disse que Tancredo subira a rampa acompanhado por 130 milhões de brasileiros, "para tomar posse de sua missão de tutelar a caminhada do Brasil". Dom Eugênio Salles rogou pela permanência do "extraordinário exemplo" do presidente morto. E Dom Paulo Evaristo Arns pediu por D. Risoleta, chamando-a de "mãe de todos nós". Todos responderam: "Senhor, escutai a nossa prece".

Dom Angelo Rossi caminhou com o cálice de hostias em direção a D. Risoleta. Ela não quis esperar e se antecipou para receber a comunhão, seguida por D. Marly. O presidente Sarney permaneceu em seu lugar, enquanto o governador Franco Montoro se postou à frente da pequena fila dos que decidiram comungar. Entre eles, os ministros Fernando Lyra (Justiça), Marco Maciel (Educação), Paulo Lustosa (Desburocratização).

Após o "Pai Nosso", todos no salão se cumprimentaram, de acordo com o ritual litúrgico. D. Risoleta deu um longo abraço em Sarney e D. Marly. Seguiram-se a aspersão da urna, feita por Dom Angelo e o fechamento do caixão. Os ministros dos Gabinetes Civil e Militar, José Hugo Castello Branco e Rubens Bayma Denis, foram designados para cobrir a urna novamente com a bandeira nacional, auxiliados por dois cadetes.